



ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA

Edição semanal do jornal «O SÉCULO»

Relação, administração e officinas
RUA DO SÉCULO, 49 — LISBOA

Numero avulso, 1\$00 (um escudo)

Propriedade da SOCIEDADE NACIONAL
DE TIPOGRAFIA

Editor — ANTONIO MARIA LOPES

ASSINATURAS

PORTUGAL, ILHAS ADJACENTES E RES-
PANHA: Trimestre 13\$00. semestre 26\$00
Ano 52\$00 — COLONIAS PORTUGUEZAS:
Semestre 28\$50. Ano 57\$00. — ESTRAN-
GEIRO: Semestre 36\$00. Ano 72\$00.

DENTES ARTIFICIAES

Extrações sem dor, corôas
d'ouro, dentes sem placa.

R. EUGENIO DOS SANTOS, 35, 1.º



Venda em todas as Pharmacias

INSTITUTO NACIONAL

DE

Ensino por Correspondência

LISBOA

Os melhores cursos de Escrituração e Contabilidade

Para conseguir um bom lugar no commercio bastam 3 ou 4 m. zez de estudo
feito em casa. Tais são as enormissimas vantagens dos cursos professados no
Instituto Nacional de Ensino por Correspondência, L. Trindade Coelho, 6, Lis-
boa, que tem alumnos em todo o continente, Ilhas, colonias, B. azi, Estados
Unidos da America e outros palzes.

Enviã-se gratuitamente todas as condições de matrícula e prospectos con-
tendo os melhores testemunhos da rapidez, efficacia e economia dos cursos
referidos.

A'S MÃES QUE CUIDAM da saúde dos
seus filhos aconselhamos a
Farinha Lactea Cister, unico ali-
mento completo e que, pelo seu es-
merado fabrico, aliada a modicidade
do seu preço, rivalisa com as es-
trangeiras. A venda em todas as
mercearias, farmacias e drogarias.
Pedir as ostras aos depositarios:

BORGES, MARQUES & C. Lt.º

R. ARCO BANDEIRA, 159

MELINA

O melhor e mais eficaz

MATA-FORMIGAS

Vende-se em toda a parte:

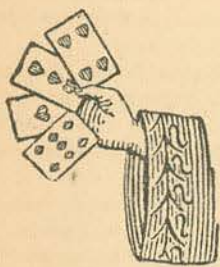
Depositarios gerais:

Fernandes, Almeida & C.º, Lt.º

RUA DO LARGO DO CORPO SANTO, 10, 1.º

M.ª VIRGINIA

CARTOMANTE-VIDENTE



Tudo esclarece no
passado e presente e
prediz o futuro.

Garantia a todos os
meus clientes: com-
pleta veracidade na
consulta ou reem-
bolso do dinheiro.
Consultas todos os
dias uteis das 1. as 22
horas e por corres-
pondencia. Enviar
1\$00 para resposta da
carta

Caixa da Patriar-
cal, n.º 2, 1.º, Esq.
(ultimo da rua da Ale-
gria, predio esquina).

DOENÇAS

De estômago, baço, fígado e intestinos; artríticas,
nervosas e mentais; de ovários e útero e
rins descaídos; por mais graves e antigas que se-
jam, *responsabilizo-me da sua cura*, evi-
tando as operações, por meio dos meus especiais
tratamentos *naturó-psico-magneto-terapi-
cos*, com a *completa* exclusão de medicamentos
ou drogas

Dr. Indiveri Colucci

Rua João Gonçalves, 20, 2.º Esq.

Esquina Avenida Almirante Reis (ao Intendente)

TELEPHONE, 2.788-N.

CASA RUBI

Telefone: Central 3352

ILUMINAÇÃO, HIGIENE
E AQUECIMENTO

121 — R. dos Retrozeiros — 122

RELOGIOS DE PAREDE

Acabam de chegar da marca Soleil e
Radium. Despertadores de fantasia de
Babys. Fournitures e ferramentas para
relojeiros, ourives e gravadores.

GRANDE SORTIDO

Cottrins & Afonso, Ltd.

R. da Prata, 173 — R. 31 Janeiro, 145
LISBOA PORTO

Maquinas de escrever NOVAS E USADAS

Reparações e reconstruções ga-
rantidas — Acessorios
J. Anão & C.º, Ltd. R. Figueiros,
376, 2.º — Tel. 3536 N.

Livros antigos e modernos
COMPRA E VENDE

Livraria Peninsular

79, Rua Poço dos Negros, 79

LISBOA — PORTUGAL

Bordados & Mobillas
DA ILHA DA MADEIRA

PEROLA DO ATLANTICO

Rua do Loreto, 67

Fornecedores dos Restaurants
da Companhia dos Wagens-lits

ARMAZEM DE VIVERES

JOSE DE PINHO COSTA & C.º (r.º), Ltd.º

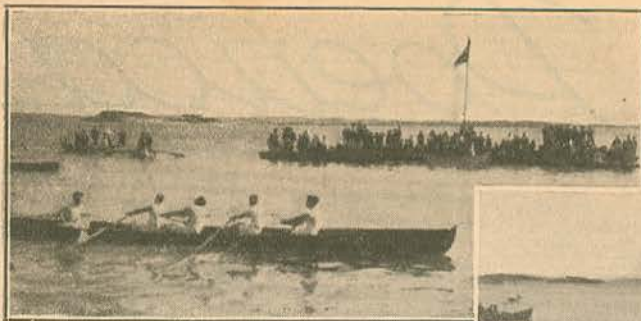
69, RUA DA BITESGA, 73

(Primeiro quartelão vindo da Rua Augusta)
Especialidade em pastéis de Belém
e doces de Cascaes

LISBOA

Telephone C. 2861

TODOS OS "SPORTS"



Os dois barcos e respectivas tripulações da A. N. 1.ª de Maio vencedores da Taça Alzira e Taça David Viana, nas regatas de 23 do mês findo, na Figueira da Foz



(Clíchés R. da Silva)

COMEÇOU no passado domingo a disputa do campeonato de Lisboa, em *foot-ball*, da nova epoca, podendo-se dizer que os encontros de primeiras categorias agradaram.

Estes jogos realizaram-se no campo das Larangeiras, sendo adversarios, respectivamente, o Casa Pia Atletico Club e o Club de Foot-Ball os Belenenses, o Sporting Club de Portugal e o Imperio Lisboa Club.

Casa Pia-Belenense. — No primeiro encontro, o Casa Pia obteve uma boa victoria, pois derrotou Os Belenenses por 4-1.

A primeira parte terminou com um empate por 1-1, bolas marcadas, a primeira, do Casa Pia, por Lopes, e a segunda a favor dos Belenenses, por J. Rio.

No segundo tempo só o Casa Pia marcou, tendo enfiado mais três bolas, a primeira por intermedio de Pinho, na marcação duma grande penalidade, a segunda por Lopes e a terceira numa recarga de Rosmaninho.

O encontro foi bastante equilibrado, tendo-se desenvolvido um jogo por vezes interessante.

Os dois grupos apresentaram-se em campo com as seguintes linhas:

Casa Pia Atletico Club. — Clemente Guerra, guarda-rede; A. Pinho e Gomes dos Santos, defesas; A. Gralha, Candido d'Oliveira (cap.) e J. Antonio Almeida, meias-defesas; J. Ferreira Ramos, A. Lopes, Silvestre Rosmaninho, F. Marques e A. Gomes.

Club de Foot-Ball Os Belenenses. — Manuel Arsenio, guarda-rede; Azevedo e J. Morais, defesas; J. Almeida, Sobral e Anacleto, meias-defesas; Fernando Antonio, J. Pires, Manuel Veloso, Joaquim Rio e Alberto Rio (cap.), avançados.

Do Casa Pia os melhores foram Pinho e Guerra, que jogaram muito bem e ainda Gomes dos Santos.

Do Belenenses salientaram-se Sobral e J. Rio.

Sporting-Imperio. — O jogo entre o Sporting e o Imperio foi menos movimentado que o precedente e por isso mesmo monotono.

O Sporting bateu o seu adversario por 2-1, não obstante o ter podido fazer por maior numero de bolas,

porém o mau jogo, e sobre tudo os pessimos remates dalguns dos seus avançados explica o ocorrido.

O jogo manteve-se equilibrado durante toda a primeira parte, que terminou com um empate por 0 bolas.

O começo da segunda parte pertenceu ao Imperio, sendo só perto do final que o Sporting exerceu um nítido dominio.

O primeiro grupo a marcar foi o Sporting, que o fez por intermedio de João Francisco aos 15 minutos de jogo, deste tempo.

Aos 30 minutos, Henrique Silva, do Imperio, obteve, numa recarga, a primeira e unica bola a favor do seu club.

Foi novamente João Francisco, que a 10 minutos do final conseguiu a victoria para o seu club, furando pela segunda vez as redes do Imperio.

Os dois grupos apresentaram-se assim constituídos:

Sporting Club de Portugal. — Cipriano, guarda-rede; José Ferreira e Jorge Vieira (cap.), defesas; J. Leandro, Filipe dos Santos e Henrique Portela, meias-defesas; A. Torres Pereira, Jaime Gonçalves, Francisco Stomp, João Francisco e E. Ramos, avançados.

Imperio Lisboa Club. — Manuel Anjos, guarda-rede; José Fonseca e Lucio Nunes, defesas; Vilela, J. Romão e Francisco Duarte, meias-defesas; Henrique Silva, Emilio Gonçalves, José Rodrigues e Jorge Lobato, avançados.

Do Sporting os melhores jogadores foram: João Francisco, Filipe dos Santos, J. Ferreira e Cipriano.

Do Imperio os que mais jogo fizeram foram: Vilela, Romão e Emilio Gonçalves.

— Em segundas categorias o Casa Pia e o Belenenses empataram por 1 bola.

— Em terceiras categorias o Casa Pia venceu o Belenenses por 3 bolas a 2, e o Sporting venceu o Imperio com igual resultado.

— Em quartas categorias o Belenenses venceu o Casa Pia por 3 bolas a 0, e o Imperio venceu o Sporting por 3 bolas a 2.

D. C.

CAPA—O menino Alvaro Roxanes Leitão, interessante filho do sr. Francisco Leitão Junior e da sr.ª D. Maria Raquel Roxanes de Carvalho Leitão

Silva Poetica

A caminho do tumulo

Passára um dia pela minha rua
Como um sonho de amor a esvoaçar;
Tinha no rosto a palidez da lua
E nos olhos um sonho de luar.

E, desde então, áquella mesma hora,
Via-a passar sorrindo á minha porta...
Tão assidua ela foi que mesmo agora
Veio passar por mim, depois de morta!

Olhos fechados muito levemente,
Mãos sobre o peito em oração a Deus,
E no seu rosto a mesma palidez...

Leva a expressão d'um sonho d'inocente;
Deixae dizer-lhe o derradeiro adeus,
Deixae-me vê-la a derradeira vez!...

— 1923 —

ABÍLIO DE MESQUITA

Incoerencia

Um dia, meu amor, fui-te encontrar
D'olhos vermelhos, humidos de pranto;
E por te vêr assim eu sofri tanto
Que procurei alivio no chorar.

Não quiz saber a causa dessa dôr,
Transformada em rosário sufocante;
Apenas sei que no meu peito amante
Com certeza ela foi muito maior.

Passaram mezes. E de novo então
Vi-te chorar por causa d'este amor
Que ninguém mais no mundo tem sentido.

E n'esse dia—oh meu Amor, perdão!—
Eu colloquei, a par da tua dôr,
A alegria maior que tenho tido!

ABÍLIO DE MESQUITA

De todas as carreiras femininas a que mais me atrai, a que, em minha opinião, mais convém à mentalidade e ao carácter da mulher é a de enfermeira.

Quando falo em enfermeiras, não me refiro a esse tipo boçal, brusco, sem educação nem carinho, que encontramos a cada passo, e de quem fugimos, apavorados preferindo suportar as mais extenuantes fadigas a deixar um ente querido entre essas mãos pouco carinhosas. A enfermeira do meu pensamento é a enfermeira senhora e o meu ideal seria ver em Portugal uma escola de enfermagem, como existe noutros países, onde vão treinar-se senhoras distintas e educadas com o fim de ganhar a vida, mas tendo escolhido por disposição e gosto essa maneira de o fazer e possuindo as qualidades essenciais para esse mister—muita paciência, carinho e bondade.

Mas, já que não temos essa escola, contentemo-nos em nos treinar nós mesmas, com o auxílio de livros próprios, assinados por autoridades, dedicando-nos depois casos particulares onde tantas vezes, se precisa duma enfermeira que seja ao mesmo tempo senhora e educada, para que possa tratar tanto do físico como do moral do enfermo.

Quando tratamos de um doente, especialmente d'um doente que nos seja caro, precisamos, antes mesmo de velar sobre ele, velar sobre nós mesmas, lembrando-nos sempre que estamos lidando com uma pessoa que não se encontra no seu estado normal, evitando-lhe, portanto, toda a demonstração de sentimentos, quer de receio—o que o assusta—quer de compaixão—o que o irrita;—a única expansão que nos é permitida é a ternura e essa mesmo dentro de uns certos limites, pois esse excesso, comoverá o enfermo prejudicando-o.

A melhor prova de afeição ou cuidado que lhe podemos dar é cercá-lo de uma atmosfera de paz e tranquilidade alegre; que ele encontre sempre no nosso rosto uma expressão serena e calma, um sorriso confiante. Se não tivermos essa coragem afastemo-nos. Será preferível.

Arrastada por recordações pessoais, encontrei-me falando dos deveres da enfermeira junto d'alguem que lhe é querido, mas mudando de rumo, volto agora aos deveres da enfermeira junto dum indifferente, onde é levada pela necessidade ou pela piedade.

Terá de cumprir com o mesmo escrupulo as regras apontadas apenas com a grande diferença que não despedaçará a alma fazendo-o.

Alem das qualidades de coração a que me referi no início desta palestra exige-se de uma boa enfermeira—força de vontade, con-

centração de espirito, sangue frio e energia.

Força de vontade para se impôr ao doente, energia para se impôr aos estranhos e à família, evitando visitas, conversas barulhentas e discussões ou questões no quarto do enfermo; sangue frio para nunca mostrar susto ou preocupações; concentração de espirito a fim de não esquecer instruções medicas nem horas de tratamento, de refeição, de mudança de roupas.

E agora, como a palestra já vai longa ficarei hoje por aqui, mas continuarei breve com o assunto, pois ha ainda alguns pontos em que desejaria tocar.

NOVO INQUERITO

Em vista do bom acolhimento que teve o nosso inquerito, apresentaremos aos nossos leitores um novo problema no próximo numero da Ilustração.

Continuamos a pedir respostas curtas e concisas. Ao fechar o inquerito, serão examinadas atentamente todas as respostas e, a que mais satisfizer, pela forma e pelo conceito, aparecerá na secção com a respectiva assinatura, como pensamento.

BIBLIOTECA DO LAR

Por um lapso de memoria, allás imperdoavel, escrevemos no artigo sob esta epigrafe do anterior numero da Ilustração Moraes de Carvalho em logar de Wenceslau de Moraes. Aos meus leitores mil desculpas.

PEDRARIAS

Classificamos, geralmente, as pedrarias em pedras preciosas e falsas. E' incorrecta essa classificação; ha umas terceiras pedras que, não tendo grande valor real são, todavia, apreciaveis pela beleza e pelo auxilio que prestam á moda, ajudando a guarnecer as toilettes por meio de variegados bordados bulgaros, placas, fivelas, ou pendants. Poderemos chama-las pedras semi-preciosas. Entre estas existem algumas que são as predilectas da hora que passa, como a agata dum verde vivo; o crisolito com os seus reflexos dourados; a granada que recorda bagos de rubi; a ametista, a opala, á qual se liga uma lenda que a torna o simbolo da Dôr. Dizem os egipcios que as lagrimas derramadas por Isis, emquanto procurava os membros dispersos de Osires, se transformaram em opalas e que, toda a mulher que,

Domingo

Almoço

Salmonete cozido com molho de ostras
Carnes frias com salada de tomate
Café ou chá

Jantar

Sopa de melões
Mayonnaise de peixe
Pato com arroz
Torta de batata doce

Sexta feira

Almoço

Peixe frito
Carne de cebolada
Ovos em rodela á italiana
Cacau

Jantar

Sopa de hortaliça
Pescada rechada com presunto
Coelho bravo á caçadora
Torta de Chester

MENÚS DA SEMANA

Segunda feira

Almoço

Sopa de pão
Bacalhau á portuense
Carne guisada com batatas
Café com leite

Jantar

Sopa de cuscus em caldo de carne
Pregado rechado
Carne cozida
Espinafes com presunto
Pastelão de nata

Terça feira

Almoço

Ostras cruas
Salada de beijo de vaca
Ovos estrelados á espanhola
Cacau

Jantar

Sopa de pão em caldo de ervilha com ovos
Linguas de carneiro panadas
Galinha lardeada
Café ou chá

Quarta feira

Almoço

Atum salgado em bifés
Arroz de cabrito
Café com leite

Jantar

Sopa de codões em polme de feijão
Peixe au gratin
Carneiro assado com molho de tomate
Sonhos á moda do Gerês

Quinta feira

Almoço

Eiroz panada
Bife á portugueza
Ovos com linguica
Cacau

Jantar

Sopa de tomate
Empadinhas de camarão
Lombo de vaca á italiana com arroz de sustentancia
Gelado de leite

Sabado

Almoço

Sardinhas de caldeirada
Bifes na grelha com batatas salteadas
Café ou chá

Jantar

Sopa de massa em caldo de polme de nabo
Peixe guisado
Galinha dourada com couves á franceza
Pão de ló coberto

usando-as, trãia o seu amor será terrivelmente punida por Isis.

QUARTOS APAINELADOS

Em contraste com a minha gravura dum canto futurista, apresento-lhes uma casa de jantar apainelada.

Descançando os olhos sobre essa simplicidade cheia de beleza, sentimos a alma repousar e erguer-se na nossa imaginação um quadro familiar. Deante desse aspecto sobrio, dá-nos vontade de pegar nas cadeiras que sabemos próximas, apenas momentaneamente afastadas, para que possamos examinar melhor os detalhes do apainelado, e de coloca-las em volta da lareira para trocar impressões sobre o dia que terminou.

Ao fixar estas duas estampas, ao vêr como elas ambas me atraem diferentemente, compreendo quantas almas diversas encerra um unico corpo.

Gostaria de poder ter esses dois quartos, passando ali o tempo segundo a modalidade do meu espirito que imperasse na ocasião.

Nos dias tranquilos, em que parece nada perturbar a profunda serenidade da alma, iria aconchegar-me junto da lareira e, aproveitando as brazas, leria ali coisas lindas.

Quando sentisse os nervos bailarem desaustinadamente, reclamando em alta grita luz, sol, movimento, alegria, correria ao quarto *jazz* e, abrindo todas as janelas e pegando num livro de alguns determinados escritores modernos, declamaria em voz alta os seus versos ou a sua prosa, fazendo meus os desconchavos que eles tivessem escrito.

Mas, como, infelizmente, não posso ter um palacio maravilhoso, com quartos para onde vá viver, segundo a minha disposição, deixamos esses sonhos, que já tomam proporções megalomânicas, e vamos tratar pacatamente de apainelar as paredes.

Observemos bem a gravura, aproveitando a ausencia de moveis; mas, primeiro, recordemos resumidamente a historia dos apainelados.

Nasceram em Inglaterra quando o castelo deixou de ser fortaleza.

Logo que os tempos permitiram o tornar habitaveis as residencias, procurou o povo inglez — o povo que maior amor tem ao seu lar, — os meios de dar um aspecto mais confortavel aos aposentos. Os frios muros de pedra que até ali tinham revestido, como armaduras, tapeçarias e trofeus guerreiros, cobriram-se de fortes apainelados de carvalho, o que aquecia a casa e era mais convidativo para os visitantes.

O desenvolvimento deste apainelado, á medida que se ia espalhando pelo mundo, tomava diversos aspectos. Do seu estado primitivo de painel tosco foi-se, pouco a pouco, reflectindo toda a magia dos artistas goticos; mais tarde, sentiu-se a influencia da Renascença, hoje a arte sem sujeições nem escolas, busca

CALENDARIO DA SEMANA

Outubro—31 dias

- 21 — Domingo — Santa Ursula.
- 22 — Segunda feira — Santa Maria.
- 23 — Terça feira — S. João.
- 24 — Quarta feira — S. Rafael.
- 25 — Quinta feira — S. Crispiniano.
- 26 — Sexta feira — S. Evaristo.
- 27 — Sabado — S. Elesbão.

requisitos de fantasia. No entanto, se tivesse de apainelar uma casa, restringir-me-hia a uma grande simplicidade. As qualidades que este revestimento possuia nos seculos passados prevalecem ainda.

JANTAR FEITO A' PRESSA

Nestes tempos de partidas e chegadas ha, por vezes, grandes dificuldades nos preparativos do jantar. O comboio tem horas certas, as arrumações atizam-se, a criada tem pouco tempo para cozinhar. Para uma emergência dessas, apresento ás minhas leitoras um «menú» que, executado com metodo, levará apenas uma hora a fazer:

Sopa de ovos

Filetes de peixe a vapor com molho á maitre de hotel

Bifes á Pompadour

Purê de batatas

Fritos de maçã

Damos por ordem as receitas:

Sopa de ovos — Põe-se ao lume um tacho com agua, sal e manteiga. Quando a agua estiver em ebulição, deita-se-lhe dentro umas quatro bolachas de agua e sal partidas aos bocados, juntando-lhe dois ovos bem batidos. Mexe-se com uma colher a fim dos ovos cortarem.

Filetes a vapor — Cortam-se os filetes, temperam-se com sal, pimenta e umas gotas de sumo de limão, põe-se num prato untado de manteiga, cobrem-se com outro igualmente untado e colocam-se sobre uma panela de agua a ferver. Decorrido um quarto de hora estão prontos.

Molho á maitre de hotel — Junta-se a 25 gramas de manteiga uma colher de chá de salsa picada e outra de sumo de limão. Bate-se tudo muito bem juntando-lhe um pouco de caldo da sopa.

Purê de batata — Cozem-se bem as batatas, esmagam-se e levam-se ao lume com um pouco de leite e de manteiga, juntando-lhe uma gema.

Fritos de maçã — Descascam-se as maçãs, tira-se-lhes o coração, cortam-se ás rodellas, passam-se por manteiga e fregem-se em banha a ferver.

Bife á Pompadour — Cortam-se os bifes, polvilham-se com sal e pimenta e fregem-se em 75 gramas de manteiga, voltando-os frequentemente. Quando estiverem quasi prontos, juntam-se-lhes alguns tomates cortados ás rodas. Colocam-se os bifes sobre o purê, intervalando-os com duas rodas de tomate. Deita-se-lhe o molho por cima. Leva 12 minutos a fazer.

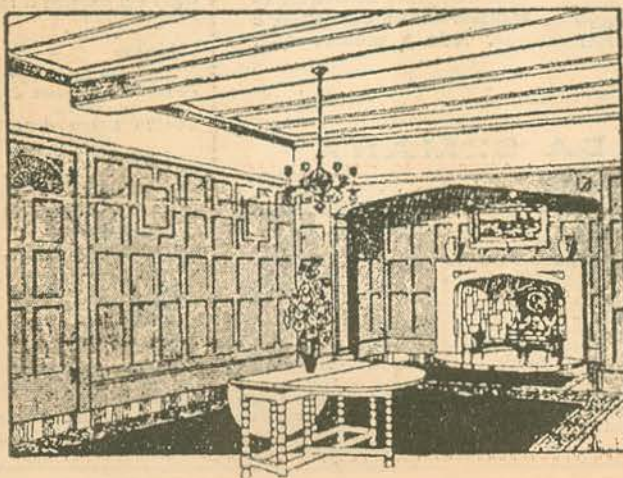
O metodo a seguir:

1.º — Descascam-se as batatas e põem-se a cozer na agua da sopa, tapando o tacho com o prato dos filetes.

2.º — Preparam-se os bifes e os tomates para serem levados ao lume logo que a sopa estiver pronta.

3.º — Derrete-se a manteiga para o molho e para os fritos de maçãs.

4.º — Fregem-se as maçãs.



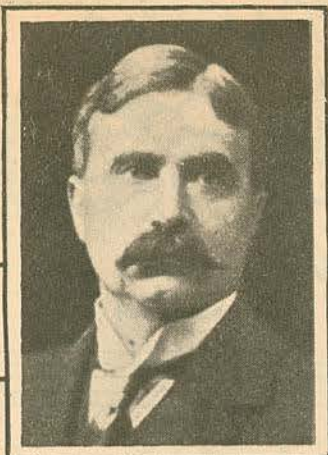
CONFERENCIA IMPERIAL BRITANICA

PRINCIPAES REPRESENTANTES
DOS DOMINIOS INGLEZES A
ASSEMBLÉA

QUE INICIOU AS SUAS SESSÕES
EM LONDRES, NO DIA 1 DO
CORRENTE



General J. C. Smuts
Primeiro ministro da Africa do Sul



Visconde Peel
Secretario de Estado da India



S. M. Bruce
Primeiro ministro da Australia



W. L. Mackenzie King
Primeiro ministro do Canada



W. F. Massey
Primeiro ministro da Nova Zeelandia



W. R. Warren
Primeiro ministro da Terra Nova



Desmond Fitz-Gerald
Ministro dos Negocios Estrangeiros da Irlanda

PAGINA

MUSICAL

VALSINHA

(Voz e piano)

Armando Leza

Para quadras populares

mf Moderado e Vagamente melancólico

Ped. *

P. *

Pe - las al-mi-nhas te pe-ço da de - va-gar o; teus

pas - sos , de - bai - xo des-ses teus pés , an -

P. *

P. *

da - minha alma aos pe - da - ços De - bai - xo des-ses teus

P. *

pés an - da minha alma aos pe - da - ços

Dim....

*

OS MASCAROL



NA casa da fructa toda perfumada de um cheiro de ether e de mel, os dois esposos Gabroche contavam as peras que acabam de ser colhidas no jardim.

As distrações são raras na provincia, sobretudo quando já não se é novo, e aquella da contagem a que se entregavam valia bem qualquer outra.

Era ensejo para se perder uma boa hora num lugar agradável, lisongeava o orgulho dos proprietários (se vos parece!)... o seu jardim era o mais lindo da vila e o que melhor produzia!... e servia de pretexto para longas discussões e comparações emocionantes.

—E' o que te digo, Anselmo, a colheita deste ano é inferior á do ano passado. As tres pereiras de ao pé do lago já não dão quasi nada. Também não admira. São muito velhas.

—Ora adeus! muito velhas! protestou o senhor Gabroche.

—Então não? Teem... ora espera... teem exactamente dezanove anos.

—Dezanove anos!

—Calcula. Plantaste-as no ano em que casou o teu amigo Mascarol.

—Ah! é verdade...

E como se quizesse desviar a conversa, Anselmo Gabroche contou em voz alta:

—Cincoenta e sete, cincoenta e oito, cincoenta e nove...

Mas a esposa, no proseguimento de uma idéa nova, não podia deter-se. Continuou:

—A proposito, tens recebido ultimamente noticias de Mascarol? Os filhos devem estar uns homens!

—Sim, respondeu o marido, escreveu-me no dia dos meus anos. A filha casou com o filho de um armador de Bordoés, um dos filhos, o Jorge, está no quarto ano da Politecnica e o André estuda os preparatorios da Escola central.

—E' uma familia simpatica. E pessoas felizes... gostaria bem de os conhecer, mas vivem tão longe...

—Sessenta, sessenta e um, sessenta e dois...

A conversa prosseguia, alternando-se a contagem das peras com a recordação dos Mascarol. Sorridente, *madame* Gabroche ia tagarelando e trabalhando ao mesmo tempo. O marido, porem, difficilmente escondia a

sua perturbação. Enervado, enganava-se na contagem e por vezes praguejava. Naquelle dia, sem saber porquê, sentia mais cruelmente do que nunca o peso da sua mentira.

Mascarol e a familia nunca tinham existido. Não, nunca! Fôra uma invenção de Gabroche. Dezanove anos antes, aquelle normando calmo e ajuizado, mais apreciador da boa meza do que das outras seducções da vida, experimentára repentinamente a imperiosa necessidade de dar uma saltada a Paris.

Mas como precisava de um motivo-rasoavel para dar á mulher, lembrou-se de dizer: Mascarol convidou-me para o seu casamento. Foi meu camarada de regimento. Prestou-me nesse tempo grandes serviços. Não posso recusar o convite.

E como *madame* Gabroche, muito caseira e medrosa, temesse do mesmo modo as viagens e as relações novas, o marido pudéra escapar-se sósinho tranquilamente e passára dois dias na capital.

De volta, bem entendido, vira-se obrigado a responder a todas as perguntas de sua mulher e a dar mil detalhes sobre o casamento. O noivo era deste modo, a noiva daquelle, entre os convidados havia um architecto que dizia coisas engraçadas, uma das *demoiselles d'honneur* tinha desmaiado... Enfim, Gabroche para parecer natural dera azas á imaginação. Creára cincoenta personagens e cem ditos de espirito.

Cecilia Gabroche, sem a menor suspeita, acreditára piamente o marido. Este, coitado, envergonhado e talvez arrependido, não mais renovara a viagem a Paris, mas na quietação da sua casa de provincia, onde os anos passavam lentos e tranquilos, curvando os corpos e polvilhando de neve os cabelos dos dois proprietarios, esse acontecimento tomara tal importancia que para tudo servia ao *ménage* de ponto de referencia.

No ano do casamento de Mascarol, dizia por exemplo Cecilia, é que se plantaram as tres pereiras... Foi no ano seguinte que se arranjou de novo o telhado... cinco anos depois é que se deu equi defronte da porta aquelle accidente de bicilete...

A' medida que o tempo ia passando, Anselmo vira-se obrigado a juntar novas mentiras á sua mentira primeira. Declarava ter recebido cartas do amigo, que estava estabelecido em Bordoés. O seu negocio de quin-

quilharias por grosso, prosperava a olhos vistos. *Madame* Mascarol tivera uma bronquite.

O filho mais novo quebrara uma perna. Sim, durante dezenove anos Anselmo tinha inventado os mil acontecimentos que sobreveem comumente em todas as famílias. Durante dezenove anos, para não se deixar apauhar em contradições, viu-se obrigado a arranjar uma carteira onde assentava todas as trapalhadas inventadas umas a respeito de Mascarol, outras a respeito de *madame*, outras a respeito dos filhos. Graças a semelhante precaução acabara por dar ao seu romance uma tal intensidade de vida que a mulher quasi julgava conhecer realmente aqueles amigos longínquos e nunca vistos.

Mas agora, à porta dos sessenta anos, Anselmo Gabroche sentia-se cansado de uma tal comedia. Já não temia o ciúme da mulher. A afeição que lhe dedicava agora, quasi fraternal, impunha-lhe ao contrario, um instinctivo desejo de perdão. Pensava a todo o momento em confessar-lhe a verdade e libertar-se assim do peso que o oprimia.

—Cento e vinte e cinco, cento e vinte e seis, cento e vinte sete...

Aconteça o que acontecer! Ha-de ser hoje! Gabroche abandonou a revista das peras e um tanto atrapalhado começou:

—Escuta, Cecilia, vou falar-te francamente. Mascarol não existe. *Madame*

Mascarol, os filhos, as suas aventuras, tudo é invenção.

Contei-te essa historia um dia para arranjar pretexto de ir a Paris. Estou bem arrependido hoje disso tudo.

Não estás já em idade de te pôres mal comigo por uma falta que te confesso e de que me arrependo. Bem castigado tenho sido. Ha dezenove anos que esta mentira me sufoca. Perdó-a-me. Eu era um doido nesse tempo...

—Doido? Mas, meu amigo, doido estás tu agora. E' preciso que tenhas perdido a razão realmente para dizeres uma tolice dessas. Podia-se lá acreditar!... Conheço melhor do que tu os Mascarol, graças a tudo o que me tens dito a seu respeito.

Este ar saturado do aroma da fruta é que te está perturbando a cabeça. Continúa a contar as peras... São cento e vinte e oito, cento e vinte e nove, cento e trinta...

Seria ela credula até á cegueira? Ou acharia n'aquilo uma vingança tão refinada, como cruel? Nunca Anselmo Gabroche a soube. Apesar de tudo o que lhe disse o marido, *madame* Gabroche continúa a referir-se aos acontecimentos como antigamente.

—Foi no ano que precedeu o casamento dos Mascarol... foi n'aquele mesmo ano... foi tantos anos depois...

(De Roger Régis.)



RESTAURANTES ECONOMICOS



A sala do terceiro Restaurante, que funciona junto á Cozinha Economica da rua de S. Bento, por ocasião da sua inauguração, no dia 11 do corrente

O novo Alto Comissario de Moçambique



O sr. Azevedo Coutinho assinando o auto de posse do cargo de Alto Comissario de Moçambique, cerimonia que se efectuou no dia 13 do corrente, no gabinete do sr. Ministro das Colonias, com a presença do sr. Rodrigues Gaspar (1.º, á direita), dr. Brito Camacho, antigo Alto Comissario, e diversas outras altas individualidades politicas e burocraticas

(Cliché Salgado.)

EM BUSCA DE TRABALHO



Grupo de emigrantes russos que, a caminho do Rio de Janeiro, onde vão em busca do trabalho que lhes escasseia na pátria, chegaram, há dias, ao Tejo a bordo do vapor Bougainville, seguindo d'aqui viagem, no dia 15, no Aurligny, por aquele paquete ter entrado com avaria

(Cliché Salgado.)

O assassinio de Dato



Ramon Casanellas



Pedro Mateu

Ramon Casanellas, geralmente indigitado como principal autor do atentado que vitimou o eminente homem politico espanhol Dato, acha-se, como se sabe, na Russia, onde é official aviador do exercito vermelho.

Quanto a Pedro Mateu e a Luiz Nicolau, foram condenados á morte no dia 11, tendo, porém, apelado da sentença para o Supremo Tribunal. Os restantes co-reus foram absolvidos.



Luiz Nicolau

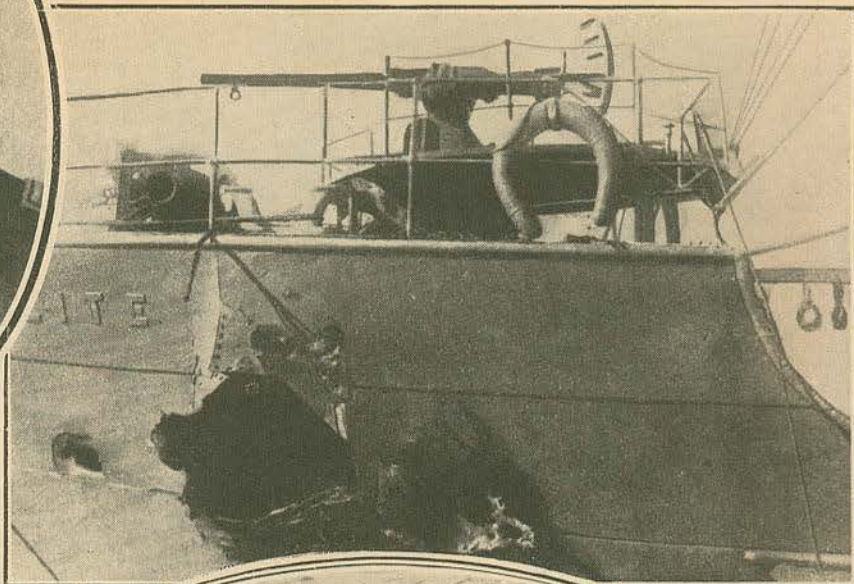
CARVALHO ARAUJO

A propósito do lançamento da primeira pedra do monumento ao heroico comandante do caça-minas «Augusto de Castilho» cerimonia que se efectuou, com grande solemnidade, no dia 14 do corrente, em Vila Real

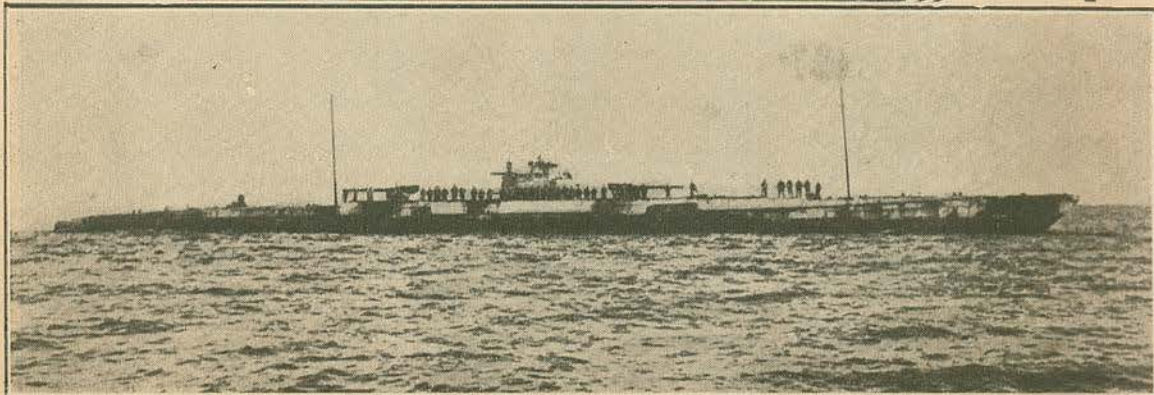
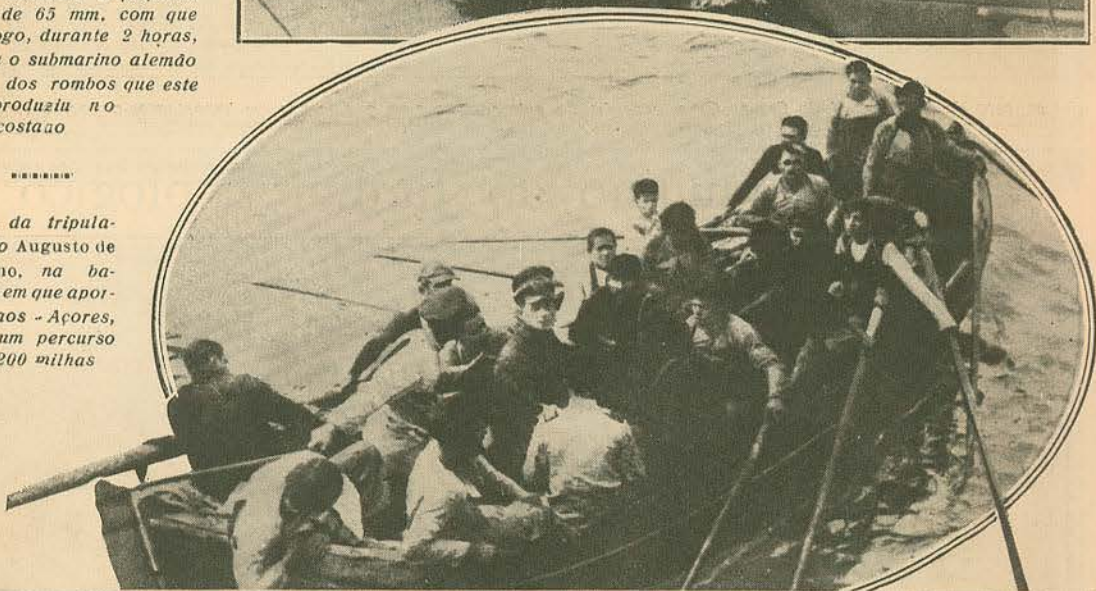


Carvalho Araujo

O caça-minas Augusto Castilho, vendo-se a pequena peça de 65 mm. com que fez fogo, durante 2 horas, contra o submarino alemão e um dos rombos que este lhe produziu no costado



Parte da tripulação do Augusto de Castilho, na baleeira em que apor- tou aos Açores, após um percurso de 200 milhas



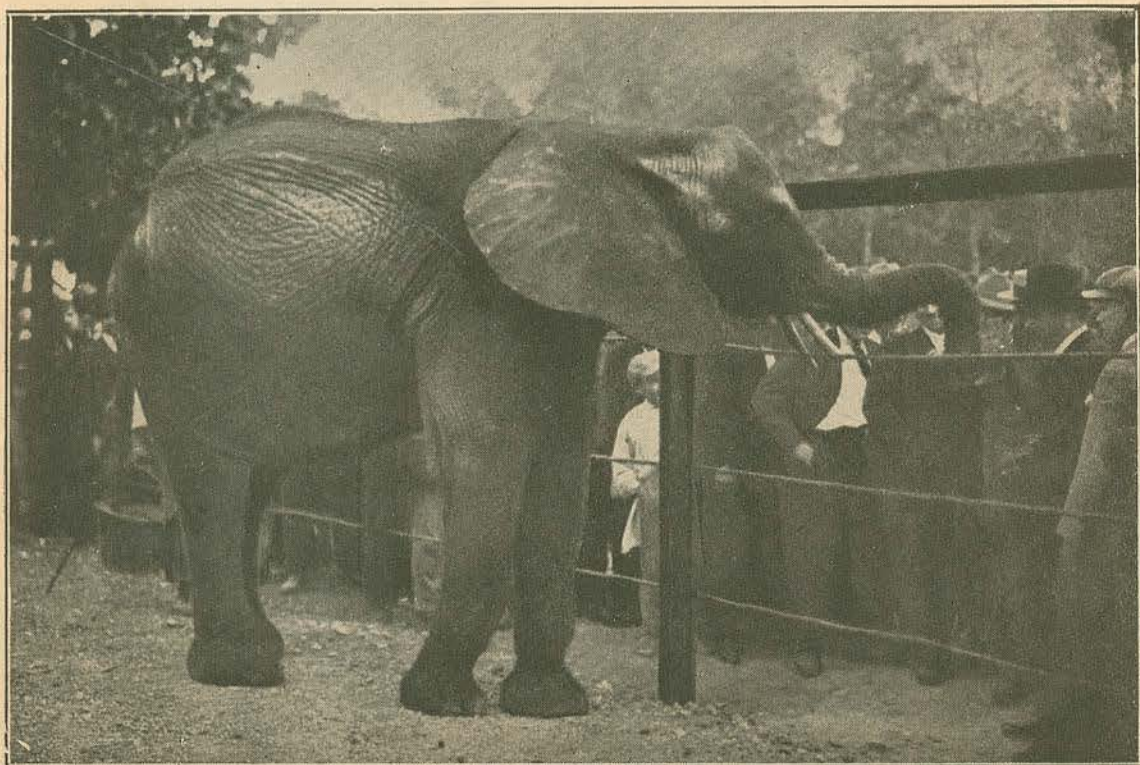
O submarino alemão «U-36» que afundou o Augusto de Castilho

Feira do Campo Grande



Um aspecto da feira anual do Campo Grande realisada esta semana e em que se fizeram importantes negocios de gado, chegando a vender-se por 10 contos a junta de bois que figura na nossa gravura

O novo inquilino do Jardim Zoologico



O elefante Maputo, recentemente chegado de Africa e que foi pela primeira vez exibido ao publico, no Parque das Larangeiras, no dia 11 do corrente mês

(Clichés Salgado.)

O EX-CHEFE DO ESTADO



Entre inumeras pessoas que tem cumprimentado o sr. dr. Antonio José de Almeida, depois de Sua Ex.^a ter deixado a suprema magistratura da Nação, conta-se o sr. ministro do Uruguay que, vindo de Madrid expressamente representar o seu palz no acto da posse do novo Presidente, foi recebido pelo ex-Chefe do Estado, no dia 10 do corrente.

A nossa gravura representa essa visita, que decorreu cordeallissima.

(Cliché Salgado.)

Dr. Jaime Cortezão Dr. Jorge de Faria Alvaro de Lima



Eminente homem de letras nomeado
membro do comitê de leitura
de peças originaes do Teatro Nacional

Ilustres criticos teatraes de A Patria e A Tarde eleitos, pelos seus colegas,
para o Conselho de Censura Teatral,
na qualidade de membro efectivo, o primeiro, e substituto, o segundo

LOPES DE MENDONÇA

Comendador Antonio Santos

PATRÃO JOAQUIM LOPES



Eminentemente homem de letras que acaba de ser eleito socio correspondente da Academia Brasileira de Letras

LUCILIA SIMÕES



Famoso lobo do mar cujos restos serão trasladados, no dia 28, do cemiterio dos Prazeres para o de Oeiras

HELICDORO SALGADO



Ilustre artista e actual «estrela» do Teatro de S. Carlos, que acaba de ser agraciada com a Ordem de S. Tiago

Medalhão do escultor Francisco Santos, que será inaugurado solenemente, no dia 25 do corrente, no atrio do Coliseu dos Recreios



Manuela P. Basto
apreciada cantora, agraciada com a mesma Ordem



B. de Medeiros
Novo presidente do Estado do Rio Grande do Norte (Brasil)



Dr. F. Hermes
Deputado brasileiro, esperado brevemente em Lisboa



Propagandista do Livre Pensamento, cuja memoria foi homenageada no dia 14, por ocasião do 17.º anniversario do seu falecimento

A questão da pesca nas aguas portuguezas



Aspecto da manifestação de protesto levada, ha dias, a cabo, junto da Capitania do Porto de Peniche, pelos pescadores d'aquella localidade, contra a invasão das nossas aguas pelas iraineiras espanholas

(Cliché Foto-Alta, Peniche.)

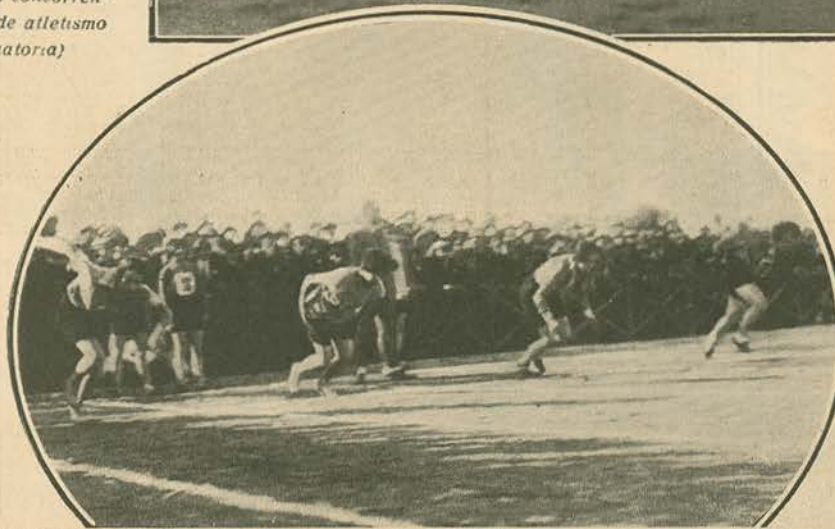
As "foot-ballistas" francesas no Porto

«FOOT-BALL» E ATLETISMO



Mlle Wellu, vencedora do maior numero de provas, por ocasião do match de atletismo realizado na sexta-feira, 5 do corrente, na capital do norte

A largada das concorrentes ao match de atletismo (1.ª eliminatória)



Todas as concorrentes ao match de atletismo dando a volta ao campo



Os dois teams que empataram por 1x1, na partida de foot-ball realizada no domingo, 7

(Clichés José Moreira.)



OS FUNERAIS DE EL-REI D. LUIZ I

- 1, Condução do feretro real de Cascaes para a igreja dos Jeronimos, em a noite de 21 para 22 de outubro de 1889. — 2, A vanguarda dos porteiros da cana. — 3, As corporações, a pé, desfilando na rua 24 de Julho, — 4, A saída do prestito funebre da igreja dos Jeronimos, em 26 de outubro

(Aquarela e desenh L. Freire — O Ocidente, n.º 391.)



A crise das "Sopeiras,"

mação das casas ricas e remediadas, por onde circulava amiude...

Por que então, a crise das sopeiras?

*
Por informações dadas no S. C. C. S. (Sindicato de Classe das Creadas de Servir) conseguimos saber as causas (?) desse fenómeno.

Assim, a actual carencia de creadas deve-se attribuir, em primeiro lugar, ao facto de, para Lisboa, não mais imigrarem as raparigas pro-

ENTRE as muitas crises que Portugal atravessa, a crise dos escudos, das habitações, do carvão, dos transportes, uma alastra, sem que se encontre para ela facil remedio—é a crise das *sopeiras*. Quem diz *sopeiras*, neste caso, diz amas de leite, amas secas, cosinheiras, etc...

Bom tempo esse em que os comboios despejavam, diariamente, em Lisboa algumas dezenas de creadas—faces avermelhadas, olhos timidos, mãos grossas e polpudas, dispostas a todo o serviço!

Hoje, para se conseguir uma *sopeira*, mesmo dessas que ainda não sabem limpar o pó dos moveis, tem de se empregar uma energia muito maior do que aquella que empregam os pesquisadores de pedras preciosas, para a conquista dum diamante...

Os donos das agências queixam-se da falta de *pessoal* e não atendem, por isso, as numerosas encomendas que lhes são feitas,—os anuncios de jornaes que solicitam cozinheiras, amas ou simplesmente *sopeiras*, não obteem resposta—e, as familias que necessitam duma creada, tem de se curvar ás mais extraordinarias exigencias, não só de ordenado, como de toda a ordem, para a conseguir. E não a conseguem, a mór parte das vezes...

Não se podendo, com as creadas, fazer contrabando para a Espanha, como se faz com as moedas de prata e com os bois, não se explica facilmente o desaparecimento dessa especie... de avental branco e de sorriso nos labios, a cargo de quem estavam o asseamento e arru-



Sede da Associação de Classe das Empregadas Domesticas



A bandeira associativa

vincianas que aqui vinham experimentar a sorte...

Hoje, como no tempo da aristocracia, a província está povoada de famílias ricas, famílias burguezas para quem a creada é um ornamento indispensável da casa—e, como os ordenados que essas famílias dão às creadas rivalisam com os da cidade, elas preferem ficar junto do namorado, na terra em que nasceram, a conhecer as maravilhas da capital.

Além disso entre a creadagem, entre as candidatas a *sapeiras*, espalhou-se o boato de que os novos ricos, que são, actualmente, os maiores consumidores do genero, cultivam descaradamente a sovinagem e não dão às servas senão o indispensável...

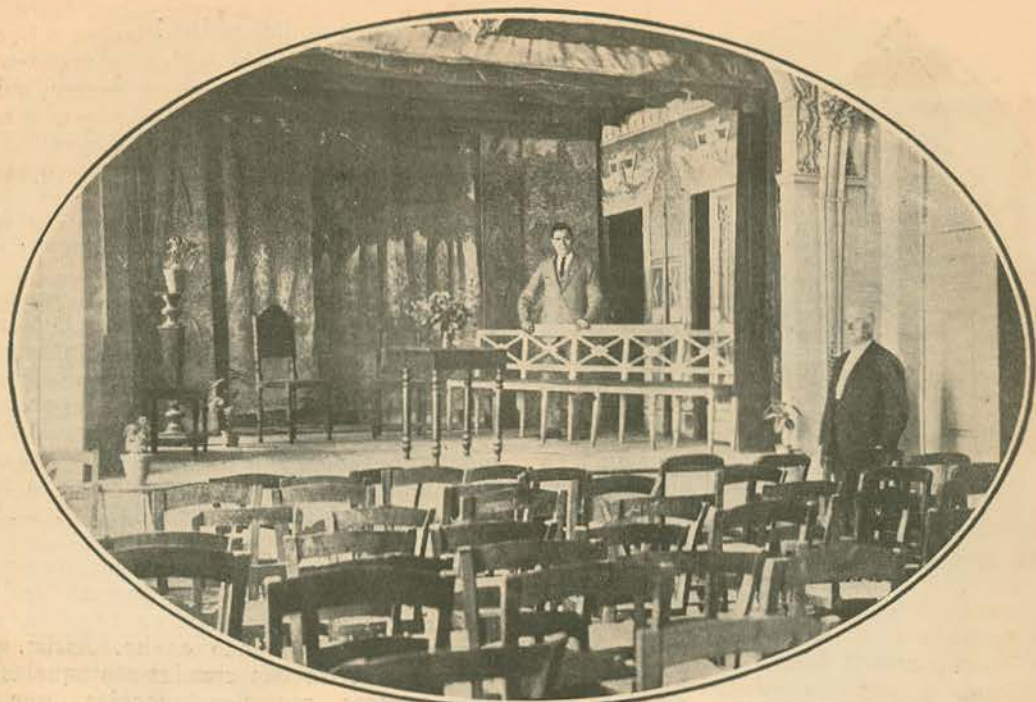
Tudo isto, juntamente com o preço exorbitante das passagens no comboio, tem concorrido para a crise de *sapeiras*, que Lisboa atravessa.

Para mais o estrangeiro continua a ter em grande apreço a *sopeira* portuguesa e, assim, no Sindicato das Creadas, todos os dias se recebem pedidos de Madrid e de Paris, do Brazil e até da America...

E' tão grande a fama da nossa *sopeira* que o ex-ministro dos Estados-Unidos, coronel Tomaz Birch, não quiz partir para o seu paiz sem levar comsigo nada menos de seis creadas para, disse, «dar o exemplo aos seus compatriotas...»



Quem diz *sapeiras*, neste caso, diz *amas secas*, *amas de leite*...



Sala das sessões da Associação de Classe das Empregadas Domesticas



A antiga sopeira... que Deus haja!

Apesar destas demonstrações de apreço, as sopeiras que ainda por aqui se quedam não estão nada satisfeitas e, no seu respectivo Sindicato, todos os dias proclamam que a profissão de creada é uma «escravatura branca»...

Segundo elas, não se pode trabalhar, nestes tempos que correm, em casa onde haja crianças; pois mesmo os recém-nascidos já teem exigências censuráveis e são mais irritantes do que um polícia...

Para elas... Pudera!...

Assim, as *sopeiras* trabalham afanosamente para *redimirem* a classe e, por isso, o seu Sindicato conta já o apreciavel numero de 2.000 associadas.

E as donas de casa dando-se a perros, para terem quem as sirva!

Quando lá estivemos, assistimos a esta curiosa scena:

Uma senhora ingleza, que necessitava duma creada, entrou na associação, dirigindo-se a uma das raparigas que lá estavam, aguardando emprego:

—Preciso duma creada para serviço de sala. Quanto quer a *senhora* ganhar?

— 50 escudos — respondeu afoitamente a serva.

—Sabe servir á mesa?

—Sei, sim senhora; sei todo o serviço duma creada de sala.

— Bom; 50 escudos é caro, mas eu não sei regatear. Terá os 50 escudos. Pode-se apresentar amanhã, E' na rua de Buenos Aires.



«Com pouca pratica», o q. e quer dizer que tem que se lhes ensinar tudo... por 70 escudos mensaes, apenas...

—Ein! Na rua de Buenos Aires?! Não gosto desse bairro. Não temos negocio feito.

A ingleza, surpreendida por aquella inesperada resposta, não soube que responder. Fez um gesto vago, de evidente atrapalhão e saiu, desorientada.

Este facto que é autentico, que foi presenciado por nós, não é unico.

As *sopelras* de hoje, *avis-raras* obrigadas a trabalhar (?) numa cidade que vive para madracear,

—Recebem muitas visitas?

—Cóstumam dar jantares, *soirées*, etc?

—Tem que se fazer ceia, quando os senhores voltam do teatro?

—Nos dias da nossa saída guardam-nos o jantar?...

*

São mil ninharias, mil exigencias pequeninas, que uma longa vida de servidão avoluma e torna irritantes.

Depois, queixam-se, repetimos, de que os patrões estão cada vez mais avaros; as familias ricas que, outrora, lhes davam os trajes usados, já o não fazem hoje, porque esses frajes, vendidos em segunda mão, ainda rendem bastantes escudos...

E todo um estendal de reclamações, de lamentos, porque a vida está cara e os patrões não ajudam a debelar a carestia, antes se tornaram egoistas, alheando-se «das necessidades das pessoas que os servem»...

Segundo as *sopelras*, amos bons, desses que tratavam as creadas com pessoas de familia e em cuja casa «era até um regalo a gente passar a vida», já não os ha. Assim, quem provoca a crise das creadas são aquelas pessoas asperas, recém-enriquecidas, que não teem para os serviços nenhuma especie de carinho, nenhum laivo de consideração.

E por isso o S. C. C. S. prepara-se para estabelecer um horario de trabalho, 8 horas no maximo, e, se esta medida não vingar, as *sopelras* irão até... á greve geral.

Se os tempos vão assim, que se lhe ha-de fazer?

R. C.

teem exigencias muito mais bizarras do que essa que relatamos.

—O quarto da creada tem janela?

—A cosinha é grande ou pequena?

—E' escura, tem janela ou apenas uma fresta?

—Para onde deitam essas janelas?

—A comida é feita a gaz ou a carvão?

—Carvão de coque ou de sobre?

—Ha electricidade?

—A creada é que vae ás compras?

—E' preciso levantar cedo para receber o jornal ou o distribuidor mete-o por baixo da porta?

—A que horas vem o padeiro?

—O leiteiro?

—E' leiteiro ou leiteira?

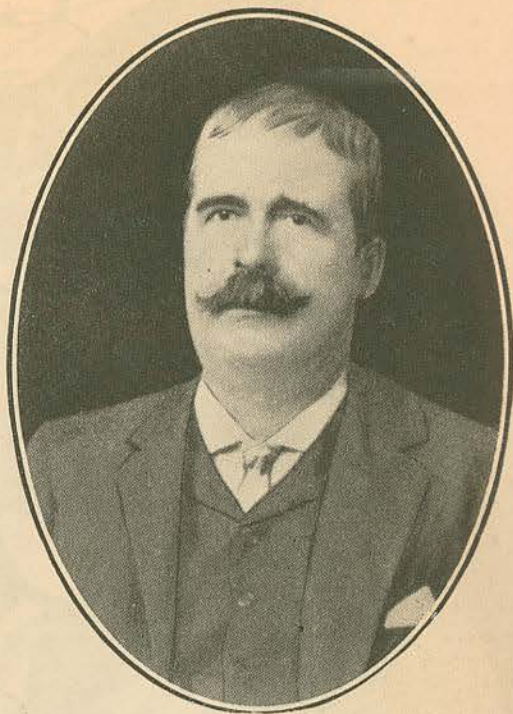
—O pão é de primeira ou de segunda?

—Dão vinho ás comidas?

—E sobremeza?



Não faz questão de ordenado, desde que a deixem levar os filhos...



Eminente homem de ciência, antigo professor e director da Faculdade de Medicina do Porto, autor, entre outras obras científicas, da História de Medicina e director da Enciclopédia Portuguesa, falecido no Porto, com 63 anos de idade, no dia 8 do corrente

Opulento lavrador do Ribatejo e creador de gado branco de grande e justificada nomeada, falecido em Lisboa, com 70 anos de idade, na madrugada do dia 3 do mez corrente. O seu funeral, para o cemitério de S. Vicente de Paul, realizou-se no dia 5.

Procissão da Senhora da Piedade na Praia do Furadouro



to, se encontram embandeirados, parar, voltando-se os andores para o lado do mar e ajoelhando toda a gente em oração.

Os clichés que publicamos, representando dois aspectos da procissão, foram-nos obsequiosamente oferecidos pelo advogado do Porto, sr. Santos Apostolo, ilustre amador fotográfico.

No dia 30 do mez findo realisou-se na praia do Furadouro, a 5 quilómetros d'Ovar, a tradicional procissão de Nossa Senhora da Piedade. Oferece esta festa particular pitoresco pelo facto do prestíto religioso dar a volta a toda a praia e, deante de cada barco das diversas campanhas de pesca, que, para o efeti-



"Estrelas" do Cinema



Agnes Ayres,
na
película
Corações Intrepídicos
da
marca Paramount

DO celebre drama *Le Scandale* de Henry Bataille, foi extraída uma fita que, segundo informam os jornaes francezes, corresponde, em absoluto, quanto ao desempenho e á *mise-en-scène* á grandeza do assunto tratado. Infelizmente falta-lhe o estilo literario do eminente dramaturgo, que constitue a principal beleza das suas obras de teatro.

Quanto ao desempenho ha, porém, no film *Le Scandale* uma nota curiosa: é ter sido o principal papel masculino interpretado por um artista... lirico, o sr. Vanni Marcoux, da Opera, de Paris.

—Obteve grande exito nos cinemas dos Estados Unidos a película *The lonely road* (A senda solitaria), interpretação de Katharine Mac Donald.

Betty Austin, cuja maior ambição é ir viver para uma grande cidade, casa-se e seu marido não quer abandonar a aldeia onde ambos nasceram. Depois de varias questões, quasi sempre baseadas no

O actor Holbrook
filma
interprete
do film
O mau homem
do
Primeiro Circulo



apecto que o marido tem pelas tradições domesticas, os dois recém-casados separam-se indo Betty viver com Leila, uma sua com-

panheira de collegio, que sustenta a casa com o seu trabalho.

Betty reflete e escreve ao marido que a vai buscar, sendo então apresentado a um medico de nome Deveraux, que por acaso se encontra em casa de Leila.

Betty regressa para o lar humilhada pelo bom exemplo de Leila.

Um dia Betty sai com o filho e este é victima dum desastre pelo que a mãe o leva a casa de Deneraux, e seu marido que a segue julga tratar-se duma entrevista amorosa, pelo que se dá nova separação.

Emfim a verdade derruba as apparencias e os dois esposos constituem desde então um lar modelo.

Orville Caldwell, interpretando o marido, realisou um dos seus melhores trabalhos.

—O *Vale do lobo*, o nov ofilm de Jack Picford, será exhibido na America durante este outono.

—Terminaram o scenario do *Lobishomem*, extraído da obra, do mesmo titulo, de Alfred Machard, os srs. Pierre Bressot e Jacques Roulet. Os principaes personagens do referido film serão desempenhados pelas actrizes J. Delvair, Guitty e Eveline Dherbreuil e pelos actores Bressol, Léon Bernard e P. Jouvenet.



André
Pascal,
insinuante
estrela
da
Pathé



Jack Holt,
um dos maiores
actores
da
Paramount

—Pearl White iniciou, nos studios de Epinay, os trabalhos de um novo film policial de que é a heroína.

—Seguiu para Vienne, onde vai tomar parte num film, o aplaudido Max Linder.

—Vae ser filmado o celebre proverbio de Musset *On ne badine pas avec l'amour*.

—Acaba de ser montada, em Paris uma empreza cinematografica, especialm ente destinada á filmagem de fágurinos, propondo-se fazer a propaganda do bom gosto francez nos principaes ecrans do mundo.

A CATASTROFE DO JAPÃO

DUAS DAS PRIMEIRAS FOTOGRAFIAS CHEGADAS À EUROPA



Ao que se acha reduzida a cidade de Ito, na península de Izu



A população de Yokohama refugiada num bosque de bambús

DUAS PÊÇAS

DE SCHWALBACH



INAUGURARAM a época o Apolo e o Eden, ambos com peças de Eduardo Schwalbach, em *reprises*. No Apolo subiu á scena *O Pé de Meia*, revista em dois actos e quatorze quadros, o no Eden *O Chico das Pégas*, opereta em tres actos, sendo a partitura de Filipe Duarte. A reaparição da revista, que Schwalbach actualizou tanto quanto era possivel sem a transformar, atraiu ao velho teatro da rua da Palma numerosa concorrencia. O publico, porém, manteve-se frio, quasi presentindo-se uma incompreensivel hostilidade que, afinal, e ainda bem, se não manifestou e não foi além da primeira noite. Porquê? Evidentemente que não era por Schwalbach, cujo prestigio de comediógrafo se conserva invulneravel e cujo nome desperta intensa simpatia. As razões explicava-as um frequentador assiduo de teatros no intervalo dos dois actos. Otelo de Carvalho estivera longos mezes ausente no Porto, com a sua *troupe*. Havia antes trabalhado em Lisboa, no Foz, onde, certa noite, supondo-se molestado pela platéa, teve um gesto de impaciencia de que, pouco depois, se arrependeu. A platéa é que lhe não votou total amnistia, de modo que se absteve de lhe prodigalisar aplausos calorosos limitando-se, em parte aos de mera cortezia. Apenas um numero se biscu: o de «Santo Antonio...» Maria da Silva». Lembra-se do santinho milagroso com o seu habito de burel e, sobre o livro que a mão esquerda segura, um menino simbolico? Desta vez, o menino é um guarda republicano, em miniatura. O publico delira com estas allusões politicas que tem graça e não ofendem, a não ser os admiradores e os devotos do grande santo medieval, uma das maiores figuras do agiologio portuguez, e que os seus patricios e conterraneos tão injustamente olvidaram, a ponto de lhe transformarem em arrecadação a casa onde nasceu. *O pé de meia* abunda em scintillante critica e pena foi que se tornasse necessario fazer cortes em evocações do passado, de que Schwal-

bach tira sempre lindos e enternecedores efeitos. O desempenho denota empenho de acertar. Ha um ou outro palminho de cara gracioso, algumas vozes bonitas e afinadas, duas ou tres figuras gentis.

O *Chico das Pégas* despertou maior interesse. Ha anos que o publico não via a interessante e movimentada opereta que immortalizou o «Pateo das Osgas» e na qual o primeiro papel masculino cabe a Nascimento Fernandes, que tem uma legião de idolatras que se disputam os logares para o ver e ouvir, quando os cartazes o anunciam. O «Salmonete», sapateiro, é uma das suas mais festejadas creações. Bastam tres ou quatro scenas para que o publico dê por bem empregado o despeção que fez para adquirir um bilhete das primeiras ou ultimas filas, arrancando-os das mãos dos contractadores. Nascimento Fernandes não canta e por vezes, parece cantar: a sua mimica supre as mais expressivas palavras; o modo como se veste, como caminha, como se senta e se levanta, a verdade que existe nas suas mais grotescas atitudes, a naturalidade que imprime ás suas frases e aos seus gestos mais extravagantes, tudo isso faz torcer-se o publico de riso e considerar bem gasto o dinheiro que pagou para gosar semelhante espectáculo. Ele sabe que Nascimento Fernandes é uma das nossas *védetas* comicas que recebe honorarios conforme o seu valor e a sua raridade e por isso não hesita... Em *O Chico das Pégas* cabellhe o primeiro logar, mas cumpre fazer menção de Justina de Magalhães e Maria de Lourdes Cabral, actrizes-cantoras de merito nomeadamente como cantoras; Henrique Alves, actor de multiplos recursos e de velha e segura escola; Joaquim Prata, um comico de futuro certo; Alfredo Henriques, cantor distincto; Ema de Oliveira, que no teatro popular, de opereta, baixa comedia e revista, grangeou uma solida situação e ainda outros, mais novos, que, animados pelo exemplo destes, contribuíram para que o conjuncto produzisse agrado... nenhuns reparos de importancia ha a fazer da ribalta para lá. No entanto, da ribalta para cá, convem advertir que o vulto do maestro, quando este é pessoa alta e entroncada, como succede agora, assim que se ergue, tira a vista aos pobres espectadores que lhe ficam na rectaguarda, o que os leva a murmurar, a protestar, a falasár com justificada razão, mas serio incomodo para os visinhos. Sabido como nunca as platéas foram tão irrequietas, avalie-se o que representa para todos tamanha contrariedade. Não haveria meio de prover de remedio o mal? Parece que sim, baixando o pavimento no sitio da orquestra quanto fosse necessario para não prejudicar o publico.

INTERINO.

SEARA ALHEIA



—Tenho uma grande experiencia no assunto mulheres! Tenho conhecido muitas! E, por isso, desejo casar-me com uma que seja um pouco mais nova que eu...

—E não recusa decidir-se por alguma neta?...

(De Justice Blatter.)



—Poderíamos, talvez, sentar-nos um pouco, a conversar...

—Não. Estou muito fatigada. Prefiro dançar...

(De Strix.)



—Mas, repara, meu querido, que vem a sair baratíssimo!... Como é um vestido-camisinha, poupa-se uma das coisas!...

(De Excelsior.)



Mamã — Para quem é a laranja maior?

Tóto — Para mim!

Ligia — Não! Para mim! Lembra-te, mamã, que Tóto começou a comer dois anos antes que eu!

(De Le Petit Parisien.)

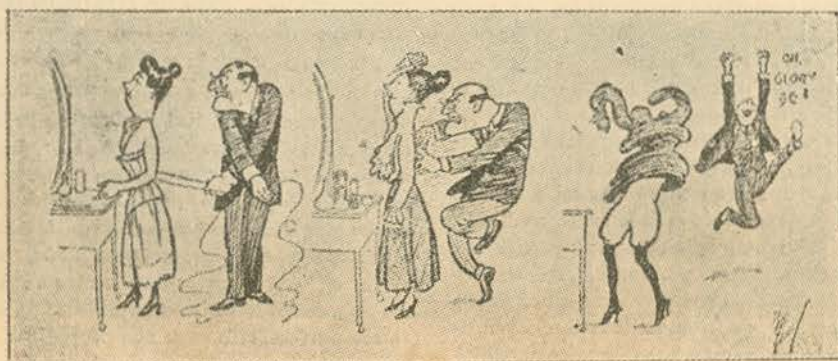
Fauna anti-directorial

—Aqui tens tu umas espécies completamente desaparecidas...

(De A B C.)



A moda finalmente favorece o homem!



1898

Tínhamos que lhes apertar os espartilhos!

1908

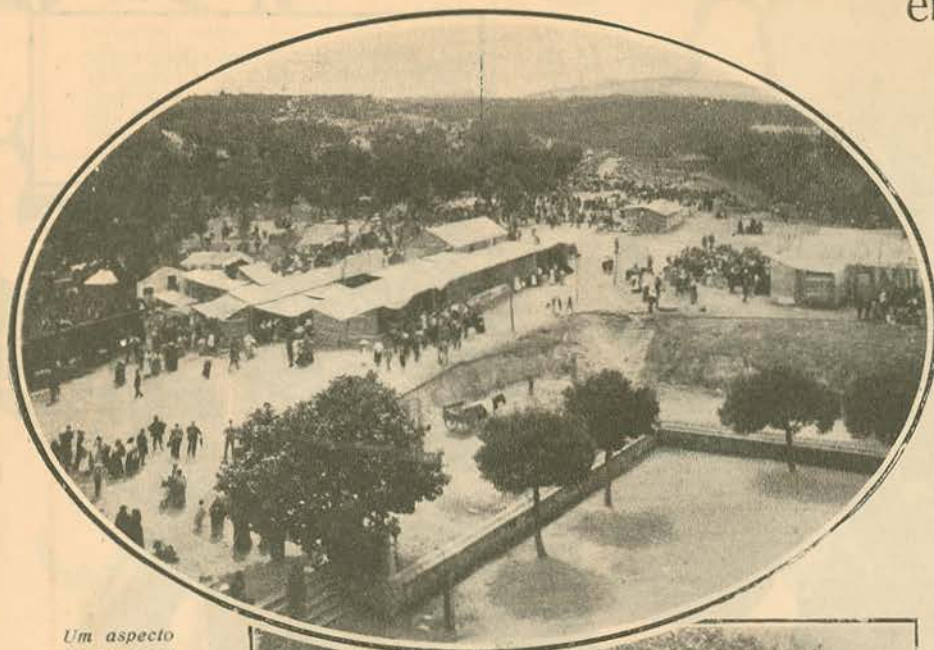
Tínhamos que lhes abotoar as blusas!

1923

Finalmente livres!

(De Judge.)

As festas de Nossa Senhora dos Remedios em Lamego



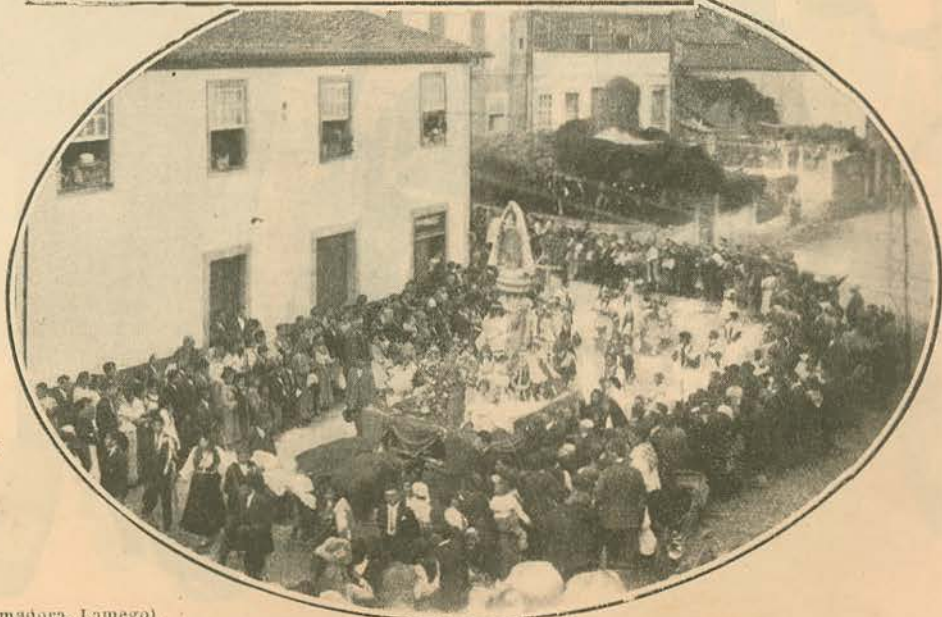
Um aspecto
do mercado
no
Santuário
dos
Remédios



A comissão
dos festejos, ven-
do-se ao centro,
sentado, o seu
presidente, sr.
Joaquim Rodrigues
dos Santos

AS tradicionais festas de Nossa Senhora dos Remedios, a que a *Ilustração Portuguesa* já se referiu, no seu numero de 1 de Setembro findo, festas que justificadamente figuram no numero das mais importantes romarias do norte do paiz, efectuaram-se este ano, com um brilhantismo e concorrência nunca antes atingidos, atraindo a Lamego, nos dias 6 a 10 do referido mez, uma enorme concorrência de forasteiros.

Representam, as nossas gravuras, dois aspectos d'essas festas, o mercado ou feira e a procissão, e a comissão promotora das mesmas, a qual, tanto tendo concorrido para o exito que obtiveram, bem merece os melhores elogios.



Um trecho
da
Procissão do
Triunfo
Passagem
do
carro ale-
gorico com
a
Virgem dos
Remédios

Página elegante

A despeito dos preços estonteantes que atingiram as peles, serão este ano profusamente empregadas na confecção dos «tailleurs» de fantasia e dos «manteaux». Notemos, porém, que nem só as peles verdadeiras e valiosas são escolhidas pela moda. As imi-

tações, que as há felizes, e as peles vulgares, como coelho, gato, etc., têm larga aplicação. Entretanto é bom fixar que a moda prefere as peles de pelo curto, a não ser para guarnição de golfs de «manteaux».





AQUI SE DIRA
DOS LIVROS
CUJOS AUTO-
RES, ENVIAN-
DO-OS A BI-
BLIOTECA DA
**ILUSTRAÇÃO
PORTUGUESA,**
MANIFESTEM
O DESEJO DE
SER FALADOS



ONDE SE CONVERSARA' COM OS
LEITORES A PROPOSITO DE TU-
DO E O MAIS QUE OCORRER.

A CIDADE VERMELHA, por Luiz Costa

Com a rubrica de «Romance Social», trata-se antes de um panfleto de pretendida propaganda anti-republicana. E dizemos *pretendida* porque o seu autor, no esforço de provar de mais, compromete o fim que transparentemente visa. Não conhecemos o sr. Luiz Costa d'outros trabalhos e será o caso de esperar que se exercite em termos menos facciosos para podermos aquilatar, com segurança, dos seus meritos de escritor. A *Cidade Vermelha* não nos parece que seja documento que literariamente o consagre romancista. Nem literariamente, nem sob qualquer outro aspecto.

MINHA PATRIA, por Mateus Moreno

Acham-se publicados, em elegantes folhetinhos, os n.º 2 e 3 do poema *Minha Pátria*, a que já tivemos ocasião de nos referir (*Ilustração Portuguesa* n.º 912, de 11 d'agosto de 1923), quando da publicação do n.º 1. E, encerrada com o referido n.º 3, a coleção, só nos cabe repetir as elogiosas referencias feitas ao seu autor, inspirado poeta algarvio e illustre director de *A lma Nova*.

Os voluminhos a que nos referimos são ilustrados pelos srs. Saavedra Machado e Bernardo Marques.

RAÇA HEROICA, por Matias Lima

Consta de vinte estrofes em decassilabos, á maneira dos *Lusiadas*, o folheto que, sob a epigrafe acima, acaba de dar á estampa o sr. Matias de Lima, membro do Instituto Historico do Minho e autor de varias outras produções poeticas que de sobejo lhe granjearam o justificado conceito em que é tido de distinto cultor das musas.

O producto da *Raça Heroica*, em que se canta, com alevantado brio patriotico, a heroica tragedia do torpedeamento do *Augusto de Castilho*, reverte a favor do fundo para o monumento a Carvalho Araujo, o que constitue, ainda, uma afirmação de patriotismo do seu autor.

A BLAGUE DE TEATRO por Augusto Claro

Blague, a começar pelo papel estragado. Referim-nos, é claro, á maior parte do que constitue o livro e ficou em branco. E que vai até á capa do sr. Antonio d'Almeida, cujo desenho declaramos que levámos meia hora a pretender decifrar, sem o conseguir. Contentamo-nos, decorrido esse tempo, com ficar sabendo que consta, d'ele, o titulo e o nome do autor.

O resto ficou, para nós, misterioso. Quanto ao mais o papel não estragado com os claros, contém frases, pensamentos, *blagues*...

Coletaneas d'esta especie faziam-se, antigamente, mas sobre a obra de escritores que a tinham. De ha um

JOSÉ MAURICIO DA SILVA (Porto).—Seria o caso de lhe responder qu'isto só a *Ilustração* publicar o que lhe interessa, continue a procurar na... *Ilustração*.

Mas nós somos boas pessoas. Procure no Cine-Mundial.

M. C. (Bensaude).—Que idéa fará o sr. de versos? Pela seguinte quadra do seu soneto (2) Amor e desdita o leitor poderá avaliar:

Foi engano, foi ilusão louca
Tel-a amado assim com tanta ventura
Pois vi então e com bastante amargura
Desfelta a minha paixão.

Fôra o mais, o primeiro verso tem 9 sílabas, o segundo 10, o terceiro 11 e o quarto 7.
Por amor de Deus!

A. S. (Golegã).—Outro! Ahi vae uma amostra:

Viriato, o grande serrano,
Viriato, o grande guerreiro,
Antes de entrar na luta
As mulheres beijava primeiro!

Os dois primeiros versos tem 7 sílabas, o terceiro 6 e o quarto... 8 ou 9.
Pobre Viriato e pobre metrificacão!

UMA DONA DE CASA.—Sim, tem razão, é preciso pensar tambem na mesa das creanças. Depreendo da sua carta que segue o sistema inglez, fazendo os seus filhos comer á parte. Não lhe aconselho que ponha sobre essa mesa farras com flores. Os desastres seriam muito frequentes; mas, porque não a enfeita com animaes armados em arame e revestidos de musgo? Os olhos arranjam-se com uns semicirculos de seda amarela pondo-se no centro uns alfinetes pretos de cabeça pequena; a boca faz-se com uns fios de lã escarlate. Um grande laço azul em volta do pescoco, uma fruta qualquer entre as pratas e a decoração fica pronta.

Não havendo ninguem com a habilidade precisa para armar o animal, cobre-se um brinquedo velho com musgo segurando este com arames finos.—D.

tempo para cá constituem elas, por si só, toda a obra de escritores que não tem outra.

Emfim, outros tempos, outros costumes...

Recebemos mais os seguintes folhetos, cuja remessa agradecemos:

Gabinete Portuguez de Leitura, do Rio de Janeiro, relatório de 1921-1922.

Gabinete Portuguez de Leitura, de Pernambuco, relatório de 1922.

Relatório de Assistencia da Colonia Portugueza do Brasil aos Orfãos de Guerra—1922.

Discursos pronunciados na sessão solemne de 16 de março de 1923, da Benemerita Assistencia da Colonia Portugueza do Brasil aos Orfãos de Guerra, obra que, como se sabe, tem a sua sede no Rio de Janeiro.

Boletim de Agricultura, do Estado de S. Paulo, Brasil.—Julho-Agosto de 1923.

Boletim do Ministério da Agricultura, publicado pela Direcção Geral de Instrução Agricola.—Julho a Dezembro de 1922.

Termas do norte de Portugal, luxuoso albumzinho illustrado, de propaganda, editado pela Sociedade Portugal Moderno do Porto.

A Estancia Salus e a Agua Salus-Vidago, tambem luxuoso folheto com gravuras, igualmente de propaganda, e assinado pelo sr. dr. Artur Fernandes, medico e director clinico da estancia hidrologica Salus-Vidago.

PAGINA INFANTIL

UMA BÔA ACCÃO





ESFINGIA



Decifrações das produções publicadas no numero transacto:

Enigmas: Ilustração—Júpiter—Mil.
Charada em verso: Concordia
Enigma pitoresco: Sem rei nem roque.
Charadas em frase: Diabrete—Orador—
Tauromaquia.
Logogrifo: Morte tão implacável.

*

ENIGMAS

(Dedicado ao colega «Al d'Encargé»)

Ilustre e caro colega,
Cá estou p'ra agradecer,
Seu enigma *Destemido*,
Ao qual venho responder.

N'este concluiu enigmático,
Em leal camaradagem,
N'um passeio até á «lua»,
Eu ofereço uma viagem.

Queira prestar-me atenção
E ao que passo a explicar.
D'este enigma, só na «lua»
O conceito pode achar

Quatro sílabas apenas,
Todas elas bem soantes;
Oito letras são ao todo,
As vogaes e consoantes.

Quem á quarta, quinta, sexta,
Prima e segunda pusér,
Com certeza que achará,
Lindo nome de mulher.

Quinta, quarta, sexta setima,
Mals á final de *seguido*,
Dá-nos bebida agradável
Ou um vulgar apelido.

A terceira, oitava, quinta,
Com segunda, posta ao fim,
Tanto dá simples tecido,
Como quadro, quanto a mim...

Juntando prima á segunda,
Um apelido achareis;
E se mais quinta puserdes,
Vulgar tempero vereis.

Ponto final, tenho dito;
Para que mais me explicar?...
Se quizerdes o conceito,
Na lua o podeis achar.

Luz do Mar

*

O enigma é mui fácil,
Com dez letras, nada mais;
Consoantes, são só seis,
Todas as outras, vogaes.

Temos nós, porém, dois pares
De consoantes eguaes,
Mas, para compensação,
São diferentes as vogaes.

Quem á primeira e á quinta,
A sexta quizer juntar,
Depois quarta, quinta, prima,
Mals segunda á terminar,

Terá nome (um pouco exótico)
Nome de homem, com certeza;
Adivinhem, camaradas,
Vá lá isso, e com presteza...

Se as sete primeiras letras
Puserem todas a oito,
E lhe juntarem a quinta,
Terão revolta de efeito.

Mas, se a essas mesmas sete,
A final, porém, juntar,
Não terá revolução,
P'ra nome proprio ficar.

Se á setima mais á quinta,
Juntar, quem não tiver siso,
A quarta e depois a ultima,
Terá grande prejuizo.

Um modo de governar,
Em Portugal desusado,
Terá se á sexta e segunda
Houver quem tenha juntado
A oitava, mais a nona,
A quinta com a terceira.
Está certo, meus colegas,
Não julgueis que é bricadeira.

Agora se n'este enigma
Quiserem meter o dente,
E o fizerem a preceito,
Acham um vulto eminente.

Amadora

Bravorum

*

CHARADA EM VERSO

(Dedicada ao charadista, cujo pseudo-
nimo é a decifração)

Há quem tenha aos bilhões,
No seu cofre ou na carteira,
Em cheques ou mesmo notas,
D'esta moeda estrangeira—2

Um sujeito que eu conheço,
E que tem este apelido—2
Com a baixa da moeda,
Anda muito entristecido.

Que moeda será essa,
E o apelido em questão?...
Um nome proprio e pseudonimo,
Fazem a decifração.

Sant'Ana

*

CHARADAS EM FRASE

Esta creatura tem dentes e morde
—1—2.

C. Sillet

QUADRO DE HONRA

Cupido—Alvaro Ferreira —
Dó sustenido—Pam—Gira—Gi-
rão—Club do Silencio—Viole-
ta—Sant'ana—C. Sillet—Dansa
Oculta—Dr. Pirillau—Aros—Os
Marques—D. Lirio—Do 16—
Dois Iricos—Freitas—Tia Al-
dina—Sargento cronico—Por-
tuense—Um cavalheiro respei-
tavel—Julio Freitas—N. N.—
Magala do 33—Pinta-scenas
—Serrot—Macedo, Fonseca &
Ribeiro.

Campeões decifradores do pe-
nultimo numero

*

No batel encontras o vaso e o habito
—1—2.

Mesão Frio

Zé Mardu

*

Dê aqui um laço no tubo—1—1.

Baal (do Sfingis Club)

*

LOGOGRIFO

(A «C. Sillet», auctor do logogrifo pu-
blicado no n.º 914 da «Ilustração».
Sobre os mesmos versos de Henri-
que Paço d'Arcos (filho).

Saudades o que são? São cinzas frias
Que foram fogo e luz no coração;
Mas cinzas *tristes*, palidas e frias—3—
6—1—14—15—8.
Sepultadas no fundo d'um vulcão,—7—
13—4—12—10—14—15—1.

Que são saudades? Sombras fugidias
Que em vão tentamos alcançar, em vão;
Sombras errantes pelas noites frias
Nos recantos sem luz do coração,—9—
5—11—15—7.

Saudade é fumo que uma brisa ondeia,
Saudades, sombras d'outros ser's de
alem,
Ondas mortas rojando-se na areia,
Vento triste que chora por alguém,—8
—2—3—12—13.

Saudade e névoa que hoje me rodeia,
Sombras perdidas, *sombras* sem nin-
guem.

Monção

M. Gonçalves Ribetiro.
(Majogoril)

Indicações uteis

No proximo sabado sairão publicadas
na *Ilustração Portuguesa* as decifrações
das produções insertas n'este numero.

—Toda a correspondencia relativa a
esta secção deve ser enviada ao *Se-
culo* e endereçada a José Pedro do
Carmo.

—Ao director d'esta secção assiste o
direito de não publicar produções que
julgue imperfeitas.

—Só é conferido o Quadro de Honra
a quem envie todas as decifrações exa-
tas, que deverão ser entregues até cinco
dias após a saída d'este numero, ás 10
horas na sucursal do Rocio.

—Todas as produções devem vir escri-
tas em separado e os enigmas pitores-
cos bem desenhados em papel liso e tin-
ta da China.

—Os originaes, quer sejam ou não pu-
blicados, não se restituem.